

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO**

Alexandre Angelotti Cruz

**A Arte como brilho sensível do Espírito Absoluto na perspectiva  
hegeliana**

Trabalho Extraclasse do 4º período do curso de Licenciatura em Filosofia do Centro Universitário de São Paulo, unidade operativa de Lorena, sob a orientação do Prof. Dr. José Marcos Miné Vanzella.

Lorena  
2015

# A Arte como brilho sensível do Espírito Absoluto na perspectiva hegeliana

Alexandre Angelotti Cruz<sup>1</sup>

**Resumo:** No presente artigo, trabalha-se a arte como brilho sensível do Espírito Absoluto na perspectiva hegeliana. Para Hegel, a estética é conhecida como a ciência do sentido e sensação, cujo objeto maior é a arte. Esta provoca efeitos e sensações diversos no espírito humano como brilho sensível do Espírito Absoluto, que desvenda em seus próprios traços, cores e forma, a beleza presente no Verdadeiro. O belo se concretiza na obra de arte, que tem por finalidade despertar no homem o sentimento. A arte coloca ao alcance da intuição o que existe no espírito do homem, a verdade que ele guarda no seu espírito.

**Palavras-chave:** Arte, Hegel, Espírito Absoluto, Estética, Belo.

**Sumário:** Introdução. 1. O campo da estética na perspectiva hegeliana. 1.1. O conceito de arte. 1.2. A questão do fim da arte 1.3. Acepção do fim último da arte. 2. O que é belo. 2.1. O belo e a sua aparência. 2.2. Despertar no homem o sentido do belo. 3. Manifestação do Espírito na estética de Hegel. 3.1. A arte em Hegel: como brilho sensível do Espírito Absoluto. Conclusão. Referências.

## Introdução

O caminho a ser percorrido, em primeiro lugar, é conhecer o conceito de arte em seu significado e a produção consciente de obras, formas ou objetos voltados para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana.

À luz do pensamento hegeliano, este artigo procura elucidar que a arte tem a sua importância na estética, compreendida como a ciência do sentido e sensação, por ser seu objeto maior e provocar efeitos e sensações diversos no espírito humano como brilho sensível do Espírito Absoluto.

Fica evidente que o filósofo, por meio de seus escritos, realça a importância que se situa ao “tentar” ligar à época do Romantismo a interioridade do ser humano e o próprio sujeito como “artista”. O conteúdo da obra de arte abandona o seu tranquilo silêncio, a sua unidade absoluta com a forma, a sua matéria, a sua representação exterior ao mundo visível. A reflexão nos ajudará a estimular um pensamento sobre o conceito de arte na estética hegeliana.

---

<sup>1</sup> Aluno do quarto período no curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL) - Unidade Operativa de Lorena.

## 1. O campo da estética na perspectiva hegeliana

Hegel, ao elucidar o horizonte teórico de seu sistema filosófico, acreditava que a arte como atividade humana e assim como a filosofia e também a religião eram grandes meios que levavam o homem ao conhecimento da verdade. Sendo assim, o filósofo afirmava que pela arte, mediante o processo no ato de reflexão, havia a possibilidade de extrair pequenas conclusões. (HEGEL, 1999).

Qualquer que seja o objeto de uma ciência, em dois pontos se deve demorar a nossa atenção: um, o de que tal objeto existe; outro, o de saber aquilo que ele é. Por meio das manifestações artísticas, o ser humano vai da constatação de elementos simples à explicação de combinações complexas (síntese) sobre a realidade em que se encontra. Com isso, podemos analisar que o campo da estética hegeliana:

pode ser compreendida como a ciência do sentido, ou da sensação, cujo objeto maior é a arte, que provoca efeitos e sensações diversos no espírito humano, a exemplo de: admiração, maravilhamento, temor, repulsa, raiva, compaixão, etc. Compreendemos que tais sensações revitalizam a capacidade humana de sentir, por meio da apreensão do objeto artístico, e podem ser significativas para amenizar os processos de anestesia social contemporânea. (CANDA, 2011, p. 68).

Hegel, em seu livro “*Ensaaios sobre estética*”, afirma que a finalidade da arte é destinada ao exercício da exterioridade sensível do espírito, ela sempre foi um mecanismo de conscientização de ideias e um caminho para manifestar interesses do espírito. Ao examinar a história, ele constatava que foi por meio das obras artísticas que o ser humano soube colocar suas concepções mais altas (HEGEL, 1999).

A esta afirmação que a finalidade da arte era destinada ao exercício da exterioridade sensível do próprio espírito, o ser humano por ser aquele que responde pelos seus atos de assumir compromisso é, por sua vez, o responsável pela construção artística. O filósofo reconheceu que o belo artístico é superior ao belo natural, por ser um produto do espírito que, superior ao belo natural comunica esta superioridade aos seus produtos e, por conseguinte, à arte (HEGEL, 1999).

O filósofo em questão julgava que a arte era o ato ou efeito de manifestação do Espírito Absoluto presente dentro [interior] do ser humano. O que faz com que algo exista ou aconteça em sua autonomia e liberdade,

consiste em pôr ao alcance da intuição o que existe no espírito do homem, a verdade que o homem guarda no seu espírito, o que revolve o peito e agita o espírito humano. Isso é o que compete à arte representar, e fá-lo ela mediante a aparência, que, como tal, nos é indiferente desde o momento em que sirva para acordar em nós o sentimento e a consciência de algo de mais elevado. Assim a arte cultiva o humano no homem, desperta sentimentos adormecidos, põe-nos em presença dos verdadeiros interesses do espírito. (HEGEL, 1999, p. 49).

A arte como uma emanção da ideia absoluta tem por finalidade a representação sensível do belo; o conceito do belo artístico concebido como uma representação do Absoluto (DUARTE, 1997).

No entanto, a manifestação da ideia no sensível, é questão fundamental da estética hegeliana para traçar o percurso sobre o fenômeno da beleza. A estética hegeliana nunca pode ou deve ser compreendida como algo que está separado, sozinho ou isolado, ela deve estar sempre envolvida e vinculada ao conjunto dos fatores que constituem a história de uma pessoa e que condicionam seu comportamento em uma dada situação, porque

a tarefa e finalidade da arte é trazer ao nosso sentido, ao nosso sentimento e entusiasmo tudo o que possui um lugar no espírito humano. (...) despertar e avivar as impressões, as inclinações adormecidas de todo tipo; preencher o coração; permitir que os homens possam sentir -desenvolvido ou não- tudo o que o ânimo humano possa ter, experimentar e produzir em seu ser mais íntimo e secreto; permitir que os homens possam sentir o que pode mover e excitar o peito humano em sua profundidade e em suas múltiplas possibilidades e aspectos. (HEGEL, 2001, p. 67).

Portanto, para Hegel, a estética é definida como a filosofia da bela arte, tendo o belo artístico como objeto de averiguação, o que revela o significado que dela se priva, exclui o amplo do reino do belo natural. O objeto da estética<sup>2</sup>, enquanto ciência, é destacado como belo artístico existentes em obras produzidas pelo espírito e que fazem refletir o seu conteúdo.

### 1.1. O conceito de arte

O conceito de arte como criação é peculiar ao Romantismo. Nesta época, o Romantismo, como a interioridade do ser humano, o próprio sujeito como “artista” e o conteúdo da obra de arte, abandona o seu tranquilo silêncio, a sua unidade absoluta com a forma, a sua matéria, a sua representação exterior ao mundo visível (HEGEL, 1999).

---

<sup>2</sup> Baumgarten afirma que a estética visa a perfeição composta da matéria e da forma, de modo que a arte possa ser demonstrada e elevada à categoria de ciência, uma metafísica do belo. (BAUMGARTEN, 1993).

A arte<sup>3</sup> na concepção de Hegel é uma forma particular de manifestação do Espírito, pois afirma que esse Espírito possui infinitas formas de manifestação que geram sempre um resultado. Esta forma de manifestação se dá através de um meio pelo qual se faz e também vem a ser o que é.

Ele divide a história da arte em três períodos que compõe um processo: Simbolismo, Classicismo e Romantismo. Eles apresentam à consciência a verdade sensível: “este sensível exprime um conteúdo de essência espiritual, falta também à alma, e a forma exterior, que o torna acessível à intuição e à representação, só tem por fim despertar um eco na nossa alma e no nosso espírito”. (DUARTE, 1997, p. 150).

O belo poderia ser definido como uma “co-presença do espiritual ou natural” (GONÇALVES, 2004, p.13), ou seja, ele é a manifestação de uma ideia num objeto ou numa realidade sensível.

## 1.2. A questão do fim da arte

Compreende-se que a arte “tem o poder de obrigar a nossa alma a evocar e a experimentar todos os sentimentos”. (HEGEL, 1999, p. 50).

Hegel coloca uma condição relatando se a arte fosse apenas imitação da natureza, não estaria cumprindo sua finalidade. Além disso, a arte possui uma função libertadora, no sentido em que encontramos nela uma ação suavizante, na qual o homem evoca suas paixões e ao tentar expressá-las, realiza uma espécie de purificação, que podemos denominar de moralização (HEGEL, 1999). Essa moralização é realizada pelo homem em sua capacidade de exercer a própria razão; que o leva a provocar sobre sua realidade ou existência.

O homem, enquanto consciência, exterioriza-se, desdobra-se, oferece-se à contemplação própria e alheia. O autor da obra de arte procura exprimir a consciência que de si possui. É esta uma poderosa exigência que advém do caráter racional do homem, origem e razão da arte, bem como de toda a ação e de todo saber. (HEGEL, 1999, p. 64).

No livro *Estética*, o autor estudado afirma que o despertar da alma é o fim último da arte, o efeito que ela pretende provocar. Este é um assunto pertinente que pretendesse ocupar-se. Quando considera que o fim último da arte, pergunta-se, qual será a ação que ela deve exercer?

---

<sup>3</sup> ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 81. ARTE (gr. *Tέχνη*; lat. *Ars*; in. *Art*; fr. *Art*; ai. *Kunst*; it. *Arte*). Em seu significado mais geral, todo conjunto de regras capazes de dirigir uma atividade humana qualquer.

Ela pode exercer e efetivamente exerce; logo verificamos que o conteúdo da arte compreende todo o conteúdo da alma e do espírito, que o fim dela consiste em revelar à alma tudo o que a alma contém de essencial, de grande, de sublime, de respeitável e de verdadeiro (HEGEL, 1999).

### 1.3. Acepção do fim último da arte

O fim da arte é despertar no homem o sentido do belo. Essa capacidade não é relacionada ao instinto do homem, como algo adquirido com seu nascimento, mas é um sentido que vai se construindo ao longo do seu desenvolvimento. Tal aptidão pode ser definida como o “ter gosto”, que é um modo sensível de perceber e apreender o belo, qualquer que seja e onde quer que esteja (HEGEL, 1999).

Aquele que tem habilidade artística tem a capacidade de trazer vida ao objeto e também de transformá-lo, de comunicá-lo em uma representação mental de algo concreto, ideia. Hegel, em seus escritos, indicava com convicção que: “a obra de arte só é arte enquanto espiritualidade, ungida pelo batismo do espírito e representando algo que ao espírito pertence e com ele se harmoniza”. (HEGEL, 1999, p. 62).

Um objeto, um ser e uma ação são belos quando são livres, independentes, infinitos [...] quando estão em conformidade com a necessidade única de seu conceito. Um belo objeto é verdadeiro porque é o que deve ser. [...] A verdadeira beleza encontrar-se-á, portanto, no belo artístico. (LACOSTE, 1986, p. 50).

Se quiser marcar um fim último à arte, será revelar a verdade, o de representar, de modo concreto e figurado, aquilo que agita a alma humana (HEGEL, 1999).

A finalidade da arte, segundo o pensamento hegeliano, manifesta-se posicionando no lado da intuição o que existe no espírito do homem. Consequentemente, a verdade que o homem guarda no seu espírito. Isso é o que compete à arte representar despertando nas pessoas o sentimento e a consciência de algo maior, sublime ou elevado (HEGEL, 1999).

## 2. O que é belo

O belo<sup>4</sup> é a ideia<sup>5</sup> enquanto unidade imediata do conceito e de sua realidade (BRAS, 1990). Assim é considerado como resultante da fusão do racional e do sensível, no que reside, segundo Schiller, a verdadeira realidade e, portanto, o verdadeiro.

Rapidamente evidenciou-se que tal sentido não é um instinto cego determinado de modo inabalável pela natureza e que em si e para si já distinguiria o belo. Deste modo, exigiu-se uma formação para tal sentido, sendo que o sentido formado para o belo denominado de gosto, que, embora seja uma capacidade de apreensão e discernimento formado para o belo, deveria continuar no modo de um sentimento imediato. (HEGEL, 2001, p. 55).

O século XVIII foi marcado pelos pensamentos dos filósofos iluministas. A grande corrente em torno deste século, o romantismo, quer afirmar que a estética é um ponto de partida para a indicação da possibilidade de lançar uma reflexão sobre aquilo que é obscuro, confuso e que pertence ao domínio da sensibilidade.

Poder-se-ia dizer que se trata de uma metafísica do belo que eleva os fenômenos de arte à dimensão conceitual, posto que ela se ocupa da totalidade da experiência do belo e sugere uma definição da arte.

Se, portanto, se quer saber o que é o belo, conforme a sua natureza e conceito, tem de se seguir o pensamento conceitual, único capaz de trazer à luz da consciência a natureza lógico-metafísica da ideia em geral, da ideia do belo em particular. Este modo de considerar o belo em si, na sua ideia, pode, por sua vez, degenerar numa metafísica abstrata, e ainda quando o próprio Platão é o nosso guia, as suas abstrações, até no que delas se refere à ideia lógica do belo, não nos satisfazem. Essa ideia, queremos-la nós conhecer de um modo mais profundo e mais concreto, porque a ausência de conteúdo que caracteriza a ideia platônica já não satisfaz às mais ricas exigências filosóficas do nosso tempo. (HEGEL, 1999, p. 78).

---

<sup>4</sup> ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.105 e 106. **BELO** (gr. *xò KOCÁ,ÓV*; lat. *Pulchrum*; in. *Beautiful*; fr. *Beau*; ai. *Schön*; it. *Bello*). A noção de belo coincide com a noção de objeto estético só a partir do séc. XVIII (v. ESTÉTICA); antes da descoberta da noção de gosto, o belo não era mencionado entre os objetos produzíveis e, por isso, a noção correspondente não se incluía naquilo que os antigos chamavam de poética, isto é, ciência ou arte da produção. Podem ser distinguidos cinco conceitos fundamentais de belo, defendidos e ilustrados tanto dentro quanto fora da estética: 1º o belo como manifestação do bem; 2º o belo como manifestação do verdadeiro; 3º o belo como simetria; 4º o belo como perfeição sensível; 5º o belo como perfeição expressiva.

<sup>5</sup> ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.106. A doutrina do belo como manifestação da verdade é própria do Romantismo. “O belo”, dizia Hegel, “define-se como a aparição sensível da ideia”. Isso significa que beleza e verdade são a mesma coisa e que se distinguem só porque, enquanto na verdade a ideia tem manifestação objetiva e universal; no belo ela tem manifestação sensível (*Vorlesungen über die Ästhetik*, ed. Glockner, I, p. 160). Raramente, fora de Hegel, esse ponto de vista foi apresentado com tanta decisão, mas reaparece em quase todas as formas da estética romântica, constituindo, indubitavelmente, uma definição típica do belo.

Hegel quer aceitar em integridade a definição que se refere à ideia lógica do belo da qual Platão descreveu: “Deve-se considerar, não os objetos particulares qualificados de belos, mas o belo”. (HEGEL, 1999, p. 64). Mas, avança na mais profunda investigação o concreto que caracteriza a ideia platônica.

Em seus estudos, o filósofo alemão adentra na perspectiva da arte afirmando que ela é uma emanção da ideia absoluta que lhe foi dada por finalidade. A representação sensível do belo “somente se o espírito é o verdadeiro, que tudo abrange em si mesmo, de modo que tudo o que é belo só é verdadeiramente belo quando toma parte desta superioridade”. (HEGEL, 2001, p. 28).

Deve-se considerar o conceito de belo em geral como a representação sensível da ideia, que por sua vez, é a unidade imediata do conceito em seus diferentes momentos. Isto é, o belo é o primeiro momento da consciência de si do Espírito Absoluto. Fala-se da arte como uma emanção da ideia absoluta, deu-se lhe, por finalidade, a representação sensível do belo, e cumpre o homem agora demonstrar, neste plano, pelo menos de um modo geral, como é que os elementos particulares provêm do conceito do belo artístico concebido como uma representação do Absoluto.

## 2.1. O belo e a sua aparência

O belo, na arte, excede a qualquer produto natural, pois o belo artístico tem uma “relação essencial” com a liberdade, considerado como bem supremo do homem.

Afirma Noéli Correia<sup>6</sup>: “O belo artístico ocupa um determinado lugar na totalidade do universal. É na História, enquanto manifestação fenomênica da Ideia, que a arte pode ser pensada: a arte é um modo particular de manifestação do espírito”. (SOBRINHO, 2006, p. 5 a 25).

O filósofo alemão, em seus estudos sobre a estética, define como a filosofia da bela arte tendo como objeto de averiguação sistemática: o belo artístico. Quer afirmar que dela se exclui o extenso reino do belo natural. Em seguida, logo de início, quer esclarecer que: “estas lições são dedicadas a estética, cujo objeto é o amplo reino do belo; de modo mais preciso, seu âmbito é a arte, a bela arte”. (HEGEL, 2001, p. 27). Assim, o filósofo destaca o belo e a sua aparência distinguindo as relações entre o belo artístico e o belo natural:

---

<sup>6</sup> Cursou o mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1994) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2000).



O belo artístico é superior ao belo natural, por ser um produto do espírito que, superior à natureza, comunica esta superioridade aos seus produtos e, por conseguinte, à arte; por isso é o belo artístico superior ao belo natural. (HEGEL, 1999, p. 27).

A diferença entre o belo artístico e belo natural não é uma simples diferença quantitativa. A superioridade do belo artístico provém da participação no espírito e, portanto, na verdade, se bem que aquilo que existe só exista pelo que lhe é superior, e só graças a esse superior é o que é e possui o que possui.

## 2.2. Despertar no homem o sentido do belo

Como foi apresentado *in supra*, para Hegel, a arte tem um fim, comum a muitas outras manifestações do Espírito Absoluto, que consiste em dirigir-se aos sentidos e em despertar e suscitar sentimentos.

“Esse sentimento assumiria, pois, este aspecto particular, o sentido do belo”. (HEGEL, 1999, p. 65). O sentido do belo é uma assimilação ou compreensão do que é perceptível, sem sair do sentimento tal que encontra o belo imediatamente onde quer que esteja. Afirma o filósofo:

Este sentido não seria inerente ao homem enquanto instintivo, como qualquer coisa que lhe fosse inseparável por natureza e adquirida com o nascimento, como, por exemplo, os órgãos, os olhos. Não, tratar-se-ia de um sentido que é preciso formar e que, uma vez formado, viria a consistir naquilo a que se chama gosto. Ter gosto é, pois, ter o sentimento, o sentido do belo; é uma apreensão que, sem sair do sentimento, passa por tal formação que descobre o belo imediatamente, qualquer que ele seja e onde quer que esteja. A teoria das belas-artes e das ciências do belo destina-se a formar o gosto, e tempo houve em que esteve muito em voga. Mas o gosto é um modo sensível de apreender o belo, adotando, para com ele, uma atitude sensível. (HEGEL, 1999, p. 65).

Percebe-se que não existe o belo sem manifestação. O belo é, portanto, sempre obra de arte bela, e conseqüentemente beleza concreta. A determinação geral a qual o filósofo quer transmitir ao leitor é senão que a arte desperta no homem sensações agradáveis mediante a criação de formas com a aparência da vida (HEGEL, 1999). Na passagem que segue, expressa as paixões que a arte desperta:

Todas as paixões, o amor; a alegria, a cólera, o ódio, a piedade, a angustia, o medo, o respeito, a admiração, o sentimento de honra, o amor da glória etc.,

podem invadir a nossa alma por força das representações que recebemos da arte. Tem a arte o poder de obrigar a nossa alma a evocar e experimentar todos os sentimentos, resultado este em que com razão se vê a manifestação essencial do poder e da ação da arte, se não, como muitos pensam, o seu último fim (HEGEL, 1996, p. 33).

Hegel considerava que a arte, bem como a filosofia e a religião, era um caminho que levava o homem ao conhecimento da verdade mediante o sentido do belo. Afirmava que a arte tem um fim, pertencente a várias outras manifestações do Espírito Absoluto, consistindo em dirigir e despertar no homem o sentido do belo.

### **3. Manifestação do Espírito na estética de Hegel**

Hegel realça a importância da Estética a qual pode ser compreendida como a ciência do sentido, sensação, cujo objeto maior é a arte, que provoca efeitos e sensações diversos no homem (HEGEL, 2001). Baseado no ponto de vista hegeliano na compreensão do campo da estética, é de suma importância afirmar a arte é produção do espírito humano, porque o belo, para ele, é produção humana e o belo artístico está ascensional à natureza.

O belo produzido pelo espírito é o objeto, a criação do espírito, e toda a criação do espírito é um objeto a que se não pode recusar dignidade. No cerne da nossa ciência, vamos, pois, estudar as relações entre o belo artístico e o belo natural, questão na verdade muito importante. Basta-me, por agora, afastar a acusação de arbitrariedade ao determinar que só é belo o que possui expressão artística, o que é criação do espírito, e que só enquanto relacionado com o espírito, ao natural se pode atribuir a beleza. (HEGEL, 1999, p. 28).

Percebe-se que o conceito do belo artístico é concebido como uma representação do Absoluto, uma vez que a arte como emanção da ideia do absoluto tem por finalidade partir da representação sensível ao belo (DUARTE, 1997). O belo, na arte, está acima de qualquer produto natural e tem relação primeiro com a liberdade, considerada por Hegel como o bem supremo do ser humano.

O desenvolvimento da arte é, pois, como o de um mundo; o conteúdo, o objeto mesmo é representado pelo belo, e o verdadeiro conteúdo do belo não é senão o espírito. No centro encontra-se o espírito na sua verdade, o Espírito Absoluto como tal. Pode-se ainda dizer que esta região da verdade divina ofertada pela arte à contemplação intuitiva e ao sentimento, constitui o centro do mundo de toda a arte, centro representado pela figura divina, livre e independente, que completamente assimilou os aspectos exteriores da forma e da matéria transformando-os na perfeita manifestação de si própria. (HEGEL, 1999, p. 106).

Tendo como base esta perspectiva hegeliana da compreensão da estética, “o desenvolvimento da arte é, pois, como o de um mundo; o conteúdo, o objeto mesmo é representado pelo belo, e o verdadeiro conteúdo do belo não é senão pelo espírito”. (DUARTE, 1997, p. 163). Nesse entendimento, a ideia de arte é um processo, “seguimento” resultante do trabalho do próprio espírito no exercício de realização de sua liberdade (HEGEL, 2001).

Dentro da arte, quer na criação ou na contemplação, o homem é significado e autoconsciente e concede ou confere sentidos à experiência estética. Assim sendo, concorda-se com o filósofo França<sup>7</sup> (2009), quem em seus estudos realizados dentro da área da estética teve como base de seus escritos a obra de Hegel, afirmando que,

a arte é produto da atividade humana que expressa o espiritual, o divino, para o homem, aos seus sentidos, atividade que não é uma mimese da natureza, mas expressão espiritual que a ultrapassa, (...) expressando a particularidade de um povo na universalidade, expressando uma necessidade racional, da exteriorização da individualidade para a universalidade, levando-a a intuição do outro, porém, é preciso considerar que embora seja correto afirmar que a arte seja expressão da livre racionalidade humana ela apresenta limitações diante de outras formas de manifestação do espírito na história. (FRANÇA, 2009, p. 3).

Considerando a relevância de seus estudos, afirma-se que o filósofo alemão traz significativa contribuição para a compreensão da autonomia da arte nos seus modos de produção. A beleza natural do ser não é livre em si mesma, por não ser consciente de sua existência. Por esta razão, a arte é produção humana, social e se destina à liberdade do pensamento humano, do seu espírito, da sua expressão e da sua criação. Assim, o filósofo afirma que: “no centro encontra-se o espírito na sua verdade, o Espírito Absoluto como tal”. (DUARTE, 1997, p. 163).

A sensibilidade é construída na relação que o sujeito tem com o mundo, então se pode concordar com Hegel, que o belo, é enquanto a medida do resultado formativo da sensibilidade. Segundo nesse aspecto de sua obra, o filósofo definia a arte enquanto espaço autônomo da realização do espírito<sup>8</sup>.

### 3.1. A arte em Hegel: como brilho sensível do Espírito Absoluto

---

<sup>7</sup> Possui graduação em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005/2006) e Mestrado em Filosofia pela mesma Universidade (2010). Atualmente é doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

<sup>8</sup> Estética e Consciência infeliz na filosofia hegeliana. Disponível em: <<http://www.hegelbrasil.org/Reh10/lincoln.pdf>>. Acesso em: 24 out de 2015.

A estética, como foi abordada precedentemente, pode ser compreendida como a ciência do sentido, cujo objeto maior é voltado para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana: a arte; pois ela provoca efeitos e sensações diversos no espírito humano, porque a mesma tem por condição a autoconsciência do espírito livre (HEGEL, 1999).

Os três pilares do Espírito Absoluto são Arte, Religião e Filosofia. No entanto, como manifestação concreta do Espírito Absoluto é apresentada a primeira delas no sistema hegeliano. Consequentemente, as representações artísticas estão próximas da religião e da filosofia, por participarem do Espírito Absoluto. Constata-se que a arte está ligada ao pensamento e reflexão, porque a apreensão da verdade se manifesta no momento da arte, que vai além do intelecto e do finito.

Por meio da arte, o sujeito e o objeto compenetraram-se e constituem um todo. O belo artístico, por estar ligado à concepção de mundo e aos interesses humanos (religiosos, políticos, culturais), surge do esforço de satisfazer as necessidades superiores provenientes da consciência que pensa. Portanto,

a superioridade do belo artístico provém da participação no espírito e, portanto, na verdade, se bem que aquilo que existe só exista pelo que lhe é superior, e só graças a esse superior é o que é e possui o que possui. Só o espírito é verdade. Só enquanto espiritualidade existe o que existe. O belo natural será, assim, um reflexo do espírito, pois só é belo enquanto participante do espírito, e dever-se-á conceber como um modo imperfeito do espírito, como um modo contido no espírito, como um modo privado de independência e subordinado ao espírito. (HEGEL, 1999, p. 28).

Como participa do espírito de maneira imperfeita, o belo natural, como imitação da natureza, não exprime a essência da arte. Contudo, salienta o autor, que toda ideia é representada numa forma concreta e sensível que constitui o conteúdo da arte. Neste contexto, a função da arte consiste em conciliar, numa livre totalidade, estes dois aspectos: a ideia e a representação sensível (DUARTE, 1997).

Dentro deste, a arte participa do processo de iluminação, sendo uma das formas pelas quais o Absoluto se deixa tornar claro, elucidando para a consciência, assim afirma Werle<sup>9</sup> que a função da arte consiste em seu ideal de exprimir os interesses do espírito; revelar o Absoluto: “a arte é livre, a ideia que lhe dá existência, e sobretudo, vitalidade e eficácia”.

---

<sup>9</sup> Professor de Estética na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, tradutor e ensaísta. Doutor em Filosofia pela USP, onde é professor associado livre-docente no Departamento de Filosofia.

(WERLE, 2009, p. 81). Contudo, o belo artístico é considerado como desdobramento do Espírito Absoluto, do qual é expressado numa forma<sup>10</sup> determinada na ideia e, portanto, na verdade.

A arte, no sentido de uma liberdade autêntica e fundamentada, é um modo de trazer à consciência os interesses do Espírito (*Geist*). Assim, Hegel realça em seus escritos afirmando que a dignidade da arte é justificada porque: “expõe sensivelmente o que é superior e assim o aproxima da maneira de aparecer da natureza, dos sentidos e da sensação”. (HEGEL, 2001, p. 32).

A beleza artística, com efeito, dirige-se aos sentidos, à sensação, a intuição, à imaginação, etc., pertence a esse domínio aparte do pensamento, e a compreensão da sua atividade e dos seus produtos exige, pois, um órgão diferente do pensamento científico. Além disso, o que fruímos da beleza artística é a liberdade das produções e das formas, como se pela criação e contemplação das obras de arte escapássemos aos entraves das regras e regulamentos; como se, fugindo ao rigor das leis e ao íntimo sombrio do pensamento, procurássemos a calma e a ação vivificante das obras de arte; como se trocássemos o reino das sombras a que preside a ideia pela serena e robusta realidade. Enfim, as obras de arte brotaram da atividade livre da imaginação, mais livre do que a da natureza. A arte não disporia apenas de toda a riqueza das formas naturais, de aparência infinitamente múltipla e variada, pois seria ainda capaz de, pela imaginação criadora, exteriorizar-se em intenções. (HEGEL, 1999, p. 36).

A possibilidade do Absoluto de ser representado é através do conceito do belo na arte, pois, é por meio deste conceito que o espírito finito pode chegar gradativamente à aparência da arte, dando-se a conhecer e reconhecendo a partir de si seu reflexo. A beleza na arte, é um alumiar que ilumina indicando que a “autêntica efetividade apenas pode ser encontrada além da imediatez da sensação e dos objetos exteriores”. (HEGEL, 2001, p. 33).

Na arte, então, é possível conhecer o verdadeiro conteúdo: O Absoluto, mediante a configuração artística. Visto como uma emanção da ideia absoluta que tem por finalidade a representação sensível do belo, o conceito do belo artístico é concebido como um reflexo do Absoluto (DUARTE, 1997).

Neste mesmo pensamento, o filósofo afirma que na arte é possível preencher as condições necessárias para contemplar a beleza artística, como um produto da atividade humana: “produção consciente de algo exterior que pode ser objeto de saber”. (HEGEL, 2001,

---

<sup>10</sup> “... o belo artístico foi reconhecido como um dos meios que resolve e reconduz a uma unidade aquela contraposição e contradição entre o espírito que repousa em si mesmo abstratamente e a natureza. [...] a filosofia kantiana sentiu este ponto de unificação em sua necessidade, como também o reconheceu e o representou de modo determinado”. (HEGEL, 2001, p. 74).

p. 49). Nisto é compreendida a arte como brilho sensível do Espírito Absoluto realizado pelo ser humano. Por exemplo,

uma paisagem apresentada com sentimento e conhecimento pela pintura, como obra do espírito, assume uma posição superior à paisagem meramente natural. Pois tudo o que é espiritual é melhor do que qualquer produto natural. Aliás, nenhum ser natural expõe ideais divinas, como a arte o faz. (HEGEL, 2001, p. 51).

Essa real atitude do ser humano, supramencionada, reflete a sua própria identidade enquanto a liberdade como sujeito livre, pois:

o homem faz isso para também retirar o mundo exterior de sua rude-estranheza e para gozar, na forma das coisas, somente uma realidade exterior de si mesmo [...] a necessidade universal da arte é, pois, a necessidade racional que o ser humano tem de elevar a uma consciência espiritual o mundo interior e exterior, como se fora um objeto no qual ele reconhece o seu próprio si mesmo. (HEGEL, 2001, p. 53).

A arte tem a capacidade de transmitir no pensamento os interesses do Espírito, abrangendo e ampliando nele o referente à bela arte. Percorrendo pela concepção da bela arte, compreende-se que ela é simplesmente uma maneira determinada de manifestação e revelação do verdadeiro (HEGEL, 2001).

Finalmente, o Espírito Absoluto, concebido como o Verdadeiro, evidencia-se nos próprios traços, forma e cores da arte. A beleza presente nele quer lumiar a partir da sua esfera por meio do fulgurante brilho do belo.

## Conclusão

Com base nos estudos e pesquisas, podemos concluir que a estética hegeliana é definida como a filosofia da bela arte, para maior precisão, acrescenta-se que o fim da arte é despertar no homem o sentimento. Tendo o belo artístico como objeto de averiguação, o que revela o significado que dela se priva, exclui o amplo do reino do belo natural. Esse sentimento assumiria, pois, este aspecto particular, do sentido do belo. Através dos escritos de Hegel, percebe-se que não existe o belo sem manifestação; o belo é, portanto, sempre obra de arte bela, e consequentemente beleza concreta.

Assim fica evidente que o filósofo, através de seus escritos, realça a importância da estética, que pode ser compreendida como a ciência do sentido e sensação, cujo objeto maior é a arte, provocando efeitos e sensações diversos no espírito. A arte coloca ao alcance da intuição o que existe no espírito do homem, a verdade que ele guarda no seu espírito, o que revolve e agita seu peito.

Contudo, o belo como um momento essencial é considerado pelo desdobramento do Espírito Absoluto, do qual é expressado numa forma determinada a ideia e, portanto, a verdade. Neste mesmo pensamento, o filósofo afirma, que na arte é possível preencher as condições necessárias para contemplar a beleza artística, como um produto da atividade humana. Nisto é compreendida a arte como brilho sensível do Espírito Absoluto realizado pelo ser humano.

Finalmente, o Espírito Absoluto sendo um reflexo, desvenda em seus próprios traços, cores e forma, a beleza presente no Verdadeiro, que no lumiar da sua esfera dá o brilho do belo na arte. Hegel, considera a arte como manifestação da ideia, pois este é o seu conteúdo absoluto. Compreendeu-se que a arte, como uma emanção da ideia absoluta, outorga a representação sensível do belo.

## Referências

BAUMGARTEN. **A estética**: lógica da arte e do poema. Petrópolis: Vozes, 1993.

BRAS, Gérard. **Hegel e a Arte**: Uma apresentação à Estética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CANDA, Cilene Nascimento. **A Arte e a Estética em Hegel**: Reflexões filosóficas sobre a autonomia e a liberdade humana. *Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia* v. 03, n. 06, p.66-79, 2010.

DUARTE, Rodrigo. **O belo autônomo**: textos clássicos de estética. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

FRANÇA, Lincoln Menezes da. **Estética e consciência infeliz na filosofia hegeliana**. *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*. Ano 6. Nº 10. Junho, 2009. 109-121.

GONÇALVES, Márcia C. F., 2004. **A Ideia de Corporalidade na Estética de Hegel**. Disponível em: <[www.pgfil.uerj.br/pdf/publicacoes/marciagoncalves/01.pdf](http://www.pgfil.uerj.br/pdf/publicacoes/marciagoncalves/01.pdf)>. Acesso em: 15 out 2015.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Os pensadores. Estética**: A ideia e o ideal; o belo artístico ou o ideal. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

\_\_\_\_\_, Georg Wilhelm Friedrich. 2ª Ed. **Cursos de Estética**. [Tradução: Marco Aurélio Werle]. Edusp: São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_, G. W. F. **Curso de Estética**: o belo na arte. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LACOSTE, J. **A filosofia da arte**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

SOBRINHO, Noéli Correia. **A questão da “morte da arte” na filosofia de Hegel**. *Comum* – Rio de Janeiro - v. 12 - nº 27, 2006, p. 5 a 25.